

# O Progresso Catholico

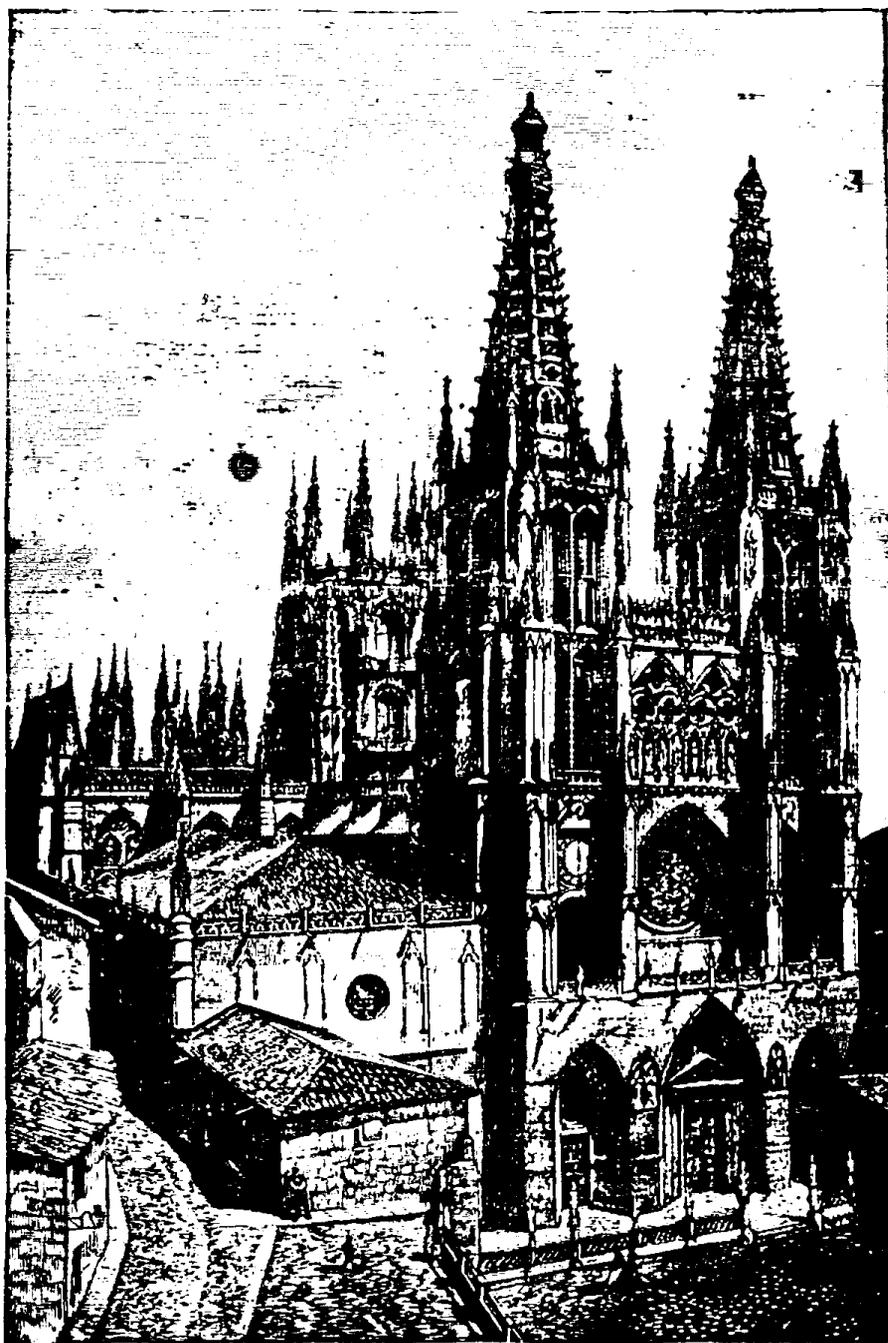
.... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum  
ad destinatum persequor, ad bravium  
(triumphi Ecclesiae) ... in Christo Jesu.

id. 13, 14.



A CATHEDRAL DE BURGOS

**S**UMMARIO: — CONSIDERAÇÕES, por D. Antonio d'Almeida. — SECÇÃO RELIGIOSA: *Missões protestantes nos nossos domínios de Africa*, pelo Reitor de Mancellos; *Reflexões moraes á desoreença do seculo actual*, por J. Eduardo. — SECÇÃO HISTORICA: *A Egreja de Braga*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. — SECÇÃO CRITICA: *Os conventos de freiras em Portugal*, por Elias de Sampaio; *Moeza do Soberano Pontifice; França*, por D. Antonio d'Almeida; *Historia da minha traducção e a critica do snr. Padre Chrispim*, pelo Padre Valente. — SECÇÃO LITTERARIA: *Ao romper d'uma manhã de estio*, poesias posthumas de J. M. Bello; *Uma aurora!*, soneto, por \*\*\*; *Gracia ou a christã do Japão*. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *A Cathedral de Burgos*, por R. — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA. — RETROSPECTO DA QUINZENA.

GUIMARÃES 30 DE JANEIRO DE 1884

## CONSIDERAÇÕES

NA *Edade-Média* só se fallava, como Grandes na Terra, no Papa e no Imperador; reflexão esta ou consideração bem notada e bem trazida para estes dias, em que o Papa por Seu Poder Espiritual e o Imperador d'Allemanha por seu poder temporal sam os *Dous Homens!* E como o Poder Espiritual esteja acima do poder temporal mais é o Papa que o Imperador! *Digitus Dei est hic*, dizemos ou antes *adoradamente* recordamos nós e reverentemente applicamos ao que se está passando entre o Vaticano e Berlim! Todo o aspecto humano, que a olhos *só humanos* se queira *apenas* ou unicamente divisar no que ha pouco se tem passado com a visita do Principe Imperial Germanico ao Soberano Pontífice, não passa de *vér pouco* e de *vér sem justesa*.

O Successor do Chêfe Imperial Allemao foi a Roma *para ir ao Vaticano*; e todas essas *explicações*, todas essas *atenuações*, mesmo todo esse esforço *forçado* para fazer crêr, que o Principe teve *outro motivo*, tudo isso pôde ser crido menos por quem acompanha os acontecimentos e os critica com profunda reflexão. Foi só depois que o Principe visitou Madrid, que se fallou da ida de Sua Alteza Imperial a Roma; Bismarck, o *Principe Chancellor*, guardou até ao momento, que lhe pareceu a *proposito*, o segredo que se tinha feito sobre aquella parte do roteiro que o Principe tinha a executar; ou uma razão não vinda antes o decediu a fazer *dizer o Principe* o que Bismarck não queria que fosse dito *por outrem*, e tanto assim que chegou a noticiar-se que o *Principe Chancellor* se uniria ao Principe Imperial em Genova (à volta de Hespanha) para de Genova irem a Roma os *dous Princeses*. A *alliança* com o reino d'Italia estava feita, e em Berlim não ha, embora os emboras, um amor tal pela situação politica *actual da Italia* que haja necessidade de *alliviar saudades*.

O Principe Bismarck pensou em tempo que podia vencer a Igreja de Deos e substituil-a ou pelo menos enfraquecel-a até a dominar!!! disse «que lhe custaria mais *vencel-a* do que lhe tinha custado a vencer a França» e disse tambem que «nunca iria a *Canossa*» porrem não venceu a Igreja de Deos e já chegou «a uma *Canossa pequena*» e ha-de chegar «a uma *Canossa grande*» e grande ficará Bismarck quando der o seu grande testemunho de respeito a *Justiça!*

O funestissimo *ensaio do Kulturcampf* abriu os olhos a Bismarck na *questão re-*

*ligiosa*: o *Kulturcampf* perseguiu a Igreja Catholica, mas em vez de a enfraquecer, mesmo na Allemanha, reforçou-a «*Salutem ex inimicis nostris, et de manu omnium qui oderunt nos*» está nos Canticos da Igreja de Deos! O resultado do *Kulturcampf*, como seu resultado *natural*, só foi o levar o *racionalismo* e o *indifferentismo* ao ponto de em pouco tempo fazer apparecer mui ameaçador o *Socialismo* e este chegar até ao *regicídio*, frustrado porrem tenazmente tentado. Ao mesmo tempo os Catholicos prusso-allemaes ou do Imperio Germanico, e que sam *um terço* dos habitantes do mesmo Imperio, conservando intacta sua Fé apesar das *Leis de Maio*, embora a perseguição à Igreja Catholica Apostolica Romana, conservavam-se e conservam-se fieis ao seu Imperial Soberano e obedientes ao seu Governo sem trahirem sua consciencia catholica, continuando depois da guerra germano-franca aquella altura de caracter que tinham sustentado durante a mesma guerra. Bismarck em sua alta *capacidade* não podia por muito tempo abaixar-se ao conceito ou plana dos homens embrutecidos e sedentos da satisfação das *maiores* ruins paixões; sua alta intelligencia não podia continuar a deixar-se ofuscar e assim desconhecer ou regeitar o que podiam valer ao Imperio os *subditos catholicos*, como aquelles de que fizeram elogio os *Potentados Romanos Pagãos*, e outros Poderosos Superiores de Povos em tempos antigos, e em tempos menos antigos, nos actuaes e assim será nos futuros, pois que é da Doutrina de Deos o Preceito «*Obedite propositis vestris.*» Esta persuasão, ainda mesmo que não estivesse estado sempre forte no animo do Principe Bismarck não pôde deixar de estar hoje, bem como outros salutaes desenganos; como homem do Mundo quererá, como se diz vulgarmente, querer *jogar* com o que aliás *não é para jogo*, mas já *jogou* mais e *perdeu*; e quando *acabar de jogar*, perdendo é que *ganhard* em *Canossa*. Bismarck não é o Imperador da *Edade-Média* nem de *Esta*, mas é o *Homem imperial* da *Germania-Imperio*. Bismarck viu que o Imperio Allemao estava forte de *força material* mas que esta é *fraca* quando lhe falta a *força moral*; embora *protestante* sabe ou conhece a *Historia*, e que não seja senão pela *Historia* não pôde deixar de se reconhecer que o Papado é sem igual na Terra como *Potencia Moral!* e uma *Potencia* esta que é mister procural-a, e, quando não, ao menos *não estar mal com Elle* para senão perder mais de *pressa* a *força* adquirida.

O Imperio Allemao estaria a estas horas em mais adiantadas condições senão tivera buscado para *alliado* ou não tivera formado como auxiliar o *Kulturcampf*. Bismarck ainda não reputa o Im-

perio Allemao *completado*, e só quando elle assim o julgar será então que o *Principe Chancellor* fará convocar o *Congresso regulador* da situação politica da Europa, pois que seu *sentimento prussiano* não lhe permite que deixe de ser feito em Berlim o que foi feito uma vez n'este seculo em Vienna d'Austria. São tristes as probabilidades de uma grande guerra antes do *futuro Congresso!* No *Congresso futuro*, presidido pelo representante do Imperador d'Allemanha, será feita a *Nova Carta Politica da Europa*, e o Congresso terá *por guarda d'honra* o Exercito Allemao de que é *Commandante* em chefe o Imperador d'Allemanha.

Não nos occuparemos agora das *Questões* que serão propostas ou suscitadas no *Congresso* alem de *Uma!*

A *Uma* será a que aliás *não é questão* mas *clera justiça*, a da Soberania Temporal do Papa que é dita nos dias de hoje a=*Questão Romana!* Nós estamos discorrendo em face dos factos que se nos apresentam, mas reconhecendo o Poder de Deos, de Deos que pôde permittir que as cousas corram assim sendo aliás Seus meios infinitos e Seu Poder é *Tal* que lhe basta o «*Fiat!*» et *factum est*. Bismarck tem para si um dilemma, que lhe está muito no intimo e não o propala, mas nós lêmo-lh'o e é assim: *em Roma só o Papa ou só o Imperador da Allemanha!*

Roma é por modo assignalada que só n'ella *cade o Papa*, é por modo magestática que só n'ella pôde ser Soberano «O» que fôr tambem Soberano das almas *na Terra!* Algum *politico* sem Fé Catholica, onde está *esquecido*, poderá pensar em querer em Roma *outro Soberano*, mas só a *Historia* diz-lhe, que *Constantino* não pode ali permanecer como Imperador e foi estabelecer a Capital do seu Imperio em Constantinopla desde que chegou o momento *Providencial* em que o Papa devia ser o Soberano de Roma; diz-lhe tambem a *Historia*, que todas as *invasões* em Roma contra a Soberania Temporal Pontificia retiraram e não se poderam lá conservar, e não menos—a de Napoleão 1; assim foi e assim *será*. *Cavour* conheceu *de tal modo* a *Historia* e comprehendeu-lhe a *philosophia*, e era por isto que elle disse e repetiu publicamente e em lugar *official*—que a *Roma não se podia ir senão pelos meios moraes*, sabendo e estando certo que por *meios moraes* era impossivel que fosse assentado em Roma *outro Soberano* além do Papa; *Cavour* fallou de Roma para poder prender a si os *revolucionarios* que elle queria para outras cousas; este nosso juizo teria sido mesmo ouvido e lido antes que *Maximo d'Asseglio* (amigo intimo de *Cavour*) tivesse publicado suas memorias *cavurianas* depois da morte de *Cavour* e nas quaes aquel-

le fez bem conhecer que este não queria que Roma fosse *invalida*.

Bismarck não é—inferior em conhecimentos, agudesa e practica de negocios a *Cavour*; e temos a certeza moral de—que não reputa possível o estabelecer ou mudar a séde do Imperio Germanico de Berlim para Roma, a não ser por um acto de violencia e sem que estivesse convicto *da duração*; logo, diz lá para si, Roma só deve ter por Soberano o Papa! Bismarck sabe (o que é certo *todos* sabem) que dos vinte e dous milhões de Italianos a grande maioria de estes quer que Roma tenha por só Soberano o Papa, e que só uma minoria, de nem talvez um milhão, deseja o contrario por isso que deseja que a *Revolução* triumphe em todos os seus nefastos projectos. O Principe Bismarck conhece, como já alludimos, que a terça parte dos habitantes do Imperio Allemão é Catholica, e que esta com muitos dos outros dous terços é decedida pela Soberania-Temporal-Pontificia; e não menos conhece que este é o sentir e o desejo de toda a Catholicidade, e de todos os homens sérios e honestos mesmo não Catholicos das cinco partes do Mundo; sabe mesmo que a gente mais verdadeiramente dedicada, no Piemonte e fóra de este, á Dynastia de Saboya deseja, que esta não esteja servindo *de pedra de escandalo* e até minando cada vez mais sua ruina com a violenta occupação de Roma; e sabem outros e não o pôde ignorar o Principe Bismarck, que a propria Dynastia Saboyarda tem a consciencia de que não pôde reinar em Roma, e que está n'esta Cidade forçada pela *Revolução*.

Alem de estas considerações ainda o Chanceller-Allemão considera, se não como christão ao menos como *philosopho* e *politico*, que a Europa, e até o Mundo, não pôde ter paz em quanto não estiver em sua liberdade Magestatica e independencia Soberana o Papa em vez de prisioneiro e lido como objecto de escarneo segundo os desejos e os factos da Revolução! Assim *quid facienдум?* ou o que fará o Principe Bismarck? Chegado o momento do *Congresso em Berlim* depois dos conhecimentos que sam agora em si *incalculaveis* com exactidão mas até certo ponto previstos! Chegado, repetimos, o momento do *Congresso* será este presidido pelo Principe de Bismarck, em Berlim. Será este Principe quem ha-de pôr ou apresentar a *Questão Romana*, quer dizer a libertação do Soberano-Pontifice e o novo reconhecimento do Papa como Rei de Roma; e invocará *para tal a necessidade politica* e a *necessidade social*, tendo manejado as cousas de modo anterior e assegurado já da maioria ou quasi unanimidade dos votos dos Plenipotenciarios ou Embaixadores presedidos pelo Principe Chanceller;

o *Congresso de Berlim* virá a ser uma certa antilliese ao *Congresso de Paris* no tempo de Napoleão III.

O Embaixador *italiano*, embora só procure salvar *amor proprio de representação* impugnará antes do que *protestará*, pois que n'este caso teria de deixar o *Congresso* e então mais duras *lhes* seriam as consequencias. Ao Embaixador italiano responderá o Principe Bismarck; começará por dizer, que o reconhecimento do *reino d'Italia* foi feito com reservas mais ou menos pelas Potencias, ou bastantemente para provar que a *Questão Romana* ficava para ser *regulada in futurum*; e dirá depois, que o *Rei d'Italia* celebrou uma *Convenção* com o Imperador Napoleão III, em 18 de Setembro de 1864 «por força da qual a *Capital do reino d'Italia* seria estabelecida em Florença» e assim Roma continuaria a ser respeitada como séde do Soberano Pontifice e capital da catholicidade, e que embora só tivessem assignado aquelle documento os *dous governos* a Europa toda aceitou a *reserva de Roma* ou entendeu que esta seria respeitada com a Soberania Temporal ou com o Papa como o só Soberano em Roma. O Principe Bismarck acrescentará: o *reino d'Italia* com a sua séde em *Florença* será respeitado pelos Governos da Europa, que assim vêem um meio de pôr termo a uma *gravíssima oscillação* de ruina.

O Principe-Chanceller dirá, que, falando de Roma, se deve entender que esta terá uma região em torno só também sujeita á Soberania-Temporal-Pontificia. Nós se estiveramos no inevitavel *Congresso* iriamos mais longe na *pugna pela Justiça!* O Embaixador discutirá ainda e afinal *aceita* ou *não*; *aceitando*, Bismarck *supraentenderá* na execução; *não aceitando*, as armas o farão aceitar; em qualquer das hypotheses o *partido* de acção revolucionaria fará seu ultimo esforço, mas as *allianças feitas e a fazer* o farão entrar na *rasão*.

Bismarck poderá ser ou vir a ser um *instrumento* de Deos!... Deos o sabe! *No Homem* não devemos pôr *nossa confiança*, em Deos *devemos confiar—in te Domine speravi, non confundar in aeternum!*

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

## Secção Religiosa

### Missões protestantes nos nossos dominios de Africa

(Continuado do n.º anterior)

IV

DE tudo isto se conclue que os missionarios protestantes, ha mais de tres annos, estão estabelecidos em

territorio portuguez, e que o *Africano* vê n'elles menos propagadores do Evangelho, do que emissarios politicos, guardas avançadas dos seus compatriotas que, qualquer dia, sob algum pretexto, estenderão seu dominio áquelles territorios, que chamamos nossos, mas que não temos juizo para conservar!... O negocio é gravissimo. Entretanto passaram-se quasi tres annos, sem que as auctoridades *lhes* pretassem attenção, e só no mez de Julho d'este anno é que nos chega a noticia de que o governador de Quilimane pedia providencias ao governador geral da provincia!...

A teima dos nossos estadistas em não romperem por uma vez com os preconceitos contra os frades, principalmente os destinados ás missões ultramarinas, é a causa do lastimoso estado, em que se acham as nossas provincias d'alem mar; de termos quasi perdido a missão do Congo, onde foram estabelecer-se os protestantes; de que em muitos pontos das nossas colonias, seja puramente nominal o nosso dominio, e de estarmos ameaçados d'ir perdendo, pouco a pouco, esse resto de riqueza e poderio, que nos legaram nossos antepassados.

Se n'este paiz ainda ha homens amantes da sua patria, e da honra do nome portuguez—esses que prestem attenção ás nossas colonias. São ellas vastissimas, riquissimas, susceptiveis de grandes melhoramentos; mas antes de tudo estam reclamando a instrucção religiosa, sem a qual jámais faremos dos indigenas homens de trabalho e subditos de Portugal.

E isto só com missionarios regulares pode levar-se a effeito; deem-lhe as voltas que quizerem, proponham os alvites, que lhes vierem á caleça, nada se conseguirá sem os frades...

Deixem fallar os gazeteiros, berrar os energumenos das praças, barafustar os patriotas dos clubs; auctorisem o restabelecimento dos conventos para as missões ultramarinas, e uma nova era de felicidade e prosperidade raiará para Portugal e seus dominios.

Nada porem se conseguirá enquanto prestarem attenção a uns certos jornalistas assustadiços que, ouvindo fallar em frades missionarios, já não sabem de que freguezia são. Sentados á banca, são uns heroes em arrotar valentias; quem fizer obra pelo que dizem e escrevem, julgal-os-ha uns Sansões, capazes de esmigalhar tudo; mas o caso muda de figura, em se fallando de frades. Bradam então com toda a força, que acudam á dama liberdade, que corre grave risco de ser empalmada; appellidam em altos gritos toda a terra que venham esmagar a reacção, que ousada levanta o collo, e ameaça dominar a terra, o mar, o mundo!...

E com este berreiro infernal, conse-

guem os patriotas enervar a boa vontade de algum estadista, que por acaso nutra aspirações de melhorar nossas colonias, de modo que no futuro sejam para a metropole, não um sorvedouro, mas uma fonte inexaurível de riqueza!.. (1) E assim iremos andando, até que um dia alguma nação se lembre de as expropriar por utilidade publica!...

O Reitor do Mancelllos,  
 JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO.

**REFLEXÕES MORAES**  
**À DESCRENÇA DO SEculo ACTUAL**

Onde a religião falla, a razão só tem diltrota de obedecer.  
 (Hastor.)

III

A IMPRENSA, a propria imprensa, não poupa meios d'espalhar com afan, nos jornaes, nas brochuras, nos romances, na folhetada doutrinas funestissimas, ácerca de Deus, da alma, da moral, da vida futura, da familia e da sociedade.

De maneira que, a imprensa em lugar d'espalhar, como é seu dever, a luz da verdade—espalha o erro e o crime envolta no ridiculo e no sarcasmo. As doutrinas do Evangelho, da Igreja, e os principios da virtude apparecem sempre, como o firmamento em noite de cerração, cercado do negrume da tempestade e da luz electrica—do relampago; pelo contrario as obras contra a moralidade,

(1) O ultimo orçamento da receita e despesa das nossas provincias ultramarinas, confirma esta triste verdade:—de que são um sorvedouro, em vez d'uma fonte de riqueza. Só duas d'ellas apresentam saldos positivos; todas as outras dão saldos negativos. Aqui expomos esse orçamento, para comprovar a nossa asserção.

Receita:

Cabo Verde.....	258:640\$000
Guiné.....	73:440\$000
S. Thomé e Príncipe.....	154:948\$000
Angola.....	553:052\$000
Moçambique.....	459:387\$500
India.....	543:624\$625
Macau e Timor.....	556:360\$130

Total..... 2.599:452\$255

Despeza:

Cabo Verde.....	237:416\$661
Guiné.....	170:650\$162
S. Thomé e Príncipe.....	164:333\$074
Angola.....	729:789\$115
Moçambique.....	612:282\$346
India.....	615:761\$89
Macau e Timor.....	444:576\$500

Total..... 3.004:809\$447

Vê-se pois que só Cabo Verde e Macau apresentam saldos positivos. Todas as outras precisam que a metropole, que já mal pode com o seu deficit, vá ainda assim suprir o que falta para cobrir suas despesas!....

nunca tiveram mais voga, nem foram lidas com mais avidéz e enthusiasmo: os prelos atiram á face da sociedade quanto ha de mais lôrpe, mais vil e mais obsceno.

A cada gemido d'elles, é a virtude esmagada pela desmoralisação do seculo! Cada folha, que de tão nefandos escriptos são da imprensa é uma lettra que se apaga do Evangelho! Ao apparecimento de cada um d'esses livros rasga-se uma pagina do sublime compendio da verdadeira philosophia!... E o seculo, em vez de guardar esses restos de sua crença já mutilados por seus maiores, despedaça-os e calca-os aos pés, mandando envolver em capas doiradas a devassidão, o crime e a infamia, que triumphantes supplantam a virtude em quasi todas as suas obras contemporaneas.

De modo que dos quatro pontos cardinaes, tempestuosas trevas salteam já os espiritos e penetram mesmo nas ultimas camadas do povo.... Quereis a prova dos progressos da irreligião espalhada por toda a parte—dizia o grande Bispo d'Orleans em 1868—aos seus diocesanos—ouvi: «Reuniram-se, na Europa este anno tres principaes congressos d'operarios—em Bruxellas, em Neremberg, e em Genebra. N'estes congressos que é o que se ouviu? Gritos d'impiedade e de guerra social. Guerra a Deus! Guerra aos governos! Guerra ao dinheiro! Que dizia o relatorio do congresso em Bruxellas—«Chegou emfim o homem a reconhecer o seu inimigo o verdadeiro inimigo: este seu inimigo em politica chama-se Lei, symbolisado no *Monarcha*; em moral chama-se *Deus*, symbolisado nos sacerdotes, nos Bispos e nos Papas; em economia politica chama-se *Desegualdade de Classes*, symbolisado pelo credito.»

Na America, diz o presidente do congresso de Neremberg, os trabalhadores organisaram-se. Elles contam apoderar-se em breve do poder legislativo, que actualmente pertence aos burguezes.

Na Inglaterra começou igualmente a luta das classes, e prosegue bem auspiciada. Na Allemanha e na Suissa faz a associação eguaes progressos; 120 associações de povo operario se acham n'este momento reunidos em Neremberg.—Estas idéas tambem vão ganhando terreno na Italia, e quaes são essas idéas, o mesmo presidente as expoz d'este modo: «O trabalhador assalariado é tão infeliz como o era n'outro tempo o negro da America... mais infeliz ainda... Temos inevitavelmente guerra entre o trabalhador e o patrão. O trabalhador deve ser o patrão de si mesmo. Até aqui discutimos as theorias; agora é mister obrar»...

E no congresso de Genebra que se proclamava?—

«Guerra a Deus! Odio á burguezia! Odio aos capitalistas! A revolução é o triumpho do homem sobre Deus!!...

E' mister furar a abobada do céu, como se fôra de papel!!!—Se a propriedade é obstaculo á revolução, decreta o povo a anniquilação da propriedade!

Se cem mil cabeças lhe causam obstaculo, cortem-se essas cem mil cabeças! O nosso affecto é só pela humanidade collectiva!

E os 5:000 congregados n'este momento em Paris? Entre os quaes ninguém pode pronunciar o nome de Deus, nem o de Jesus Christo, nem fallar da fé christã sem excitar violentas tempestades; e, tanto que, por esquecimento, disse um orador dos d'elles—Não permitta Deus! e outro disse a datar de Jesus Christo; ambos tiveram de descer da tribuna entre apupos e ameaças...

E agora perguntamos nós, será um sonho o atheismo? Será uma puerilidade reccar-se pela ordem social? Será exaggeração dizer-se que, este nosso seculo está abalado profundamente? E que é victima das mais violentas perturbações—e que a sua immoralidade chegou aonde nunca desceu?!...!

Não, mil vezes não. Antes pelo contrario é-nos licito affirmar sem sermos propheta que, continuando as cousas d'este modo o universo ha de passar por catastrophes nunca vistas, em castigo do seu pensar, gozar e viver... sem crença e esperança em Deus.

(Continúa).

J. EDUARDO.

**Secção Historica**

**A EGREJA DE BRAGA**

III

VIMOS nos artigos antecedentes como a Igreja de Braga se ennobrecia com o grande numero de santos, virtuosos e veneraveis Prelados que se teem sentado na sua princial cadeira. Desde S. Pedro de Rates, pedra fundamental da Metropole bracharense, até o Exc.<sup>mo</sup> Snr. D. Antonio José de Freitas Honorato, que presentemente preside aos destinos espirituaes d'esta archidocese, que magestosa galeria de varões conspicuos e eminentes!

Muito mais acreditam a augusta cidade de Braga as illustres accões de tantos Prelados sabios e santos, do que as antiquissimas memorias dos romanos que a exornam.

Não devemos, porem, só commemorar aquelles que adornam a frente com a mitra archiepiscopal, collocados á frente do rebanho catholico na Roma portugueza: aqui tambem floresceram muitos

santos varões, dignos de honrosa menção na historia da Igreja de Braga.

Esta Metropole tem sido a terra procreadora não só de altos e generosos espiritos, como tambem de illustres e veneraveis heróes de santidade, dos quaes um grande numero derramou o seu sangue pela confissão da fé christã.

Como já dissemos, é muito provavel que o Apostolo S. Thiago viesse á Hespanha e á provincia da Galliza bracharense, á vista da auctoridade dos antigos breviarios e da dos Summos Pontífices S. Leão III, Calixto II e S. Gregorio VII que uniformemente o affirmam alem da immemorial tradição que sempre se conservou em toda a Hespanha, e que tem tanta força como a mesma historia.

E supposto que o Apostolo não desembarcasse na referida provincia, ella foi a primeira que na Hespanha ouviu o Evangelho da sua bocca e da de S. Pedro de Rates a quem mandou em direitura á cidade de Braga, por ser uma das mais ou a mais conhecida cidade de Hespanha, colonia romana e convento juridico, onde residiam os archiflamines do gentilismo e os mais doutos e zelosos na adoração dos idolos.

Justamente se deve gloriarse o solo bracharense de ser o primeiro que, depois da Judea, Galilea e Samaria, abraçou a fé christã, e de procrear e regenerar no Senhor a tantos varões insignes que foram as primicias da christandade de Hespanha, os primeiros pregadores que n'ella divulgaram a lei da graça, os primeiros martyres que padeceram pelas verdades evangelicas.

A tradição conserva os nomes de S. Torquato, S. Thesiphão, S. Cecilio, Santo Hesichio, S. Secundo, Santo Euphrasio, Santo Athanasio, S. Theodoro, Santo Indalecio e Santo Archadio, os quaes, segundo graves auctores, eram originarios da provincia bracharense, e foram Bispos em diversas cidades.

Se fosse cousa averiguada que o Papa S. Damaso nascera em Braga, como querem alguns, deveriamos aqui apresentar em primeiro logar o nome d'este glorioso e immortal Pontífice que tanto honrou a cadeira de S. Pedro.

Comtudo, havendo varias opiniões acerca da sua naturalidade, a mais provavel e communmente seguida é a que o dá nascido em Guimarães ou nas proximidades d'esta cidade.

Houve tambem quem pretendeu que Roma fôra a sua patria; mas o celebre conego de Barcelona, Francisco Peres Bayer, provou com fortes argumentos que foi hespanhol e natural de Guimarães.

Se, porem, Braga não foi o seu berço, em todo o caso pertence ao seu districto e á sua jurisdicção ecclesiastica. Podemos, pois, com razão chamar-lhe bracharense.

Sem contestação alguma, a cidade de

Braga foi a patria das nove irmãs gemeas, virgens e martyres, filhas de Lucio Caio Attilio, varão consular, e governador da Lusitania e Galliza pelos romanos, e de sua mulher Calcia, ambos idolatras.

Chamavam-se ellas: Liberata, Quiteria, Marinha, Euphemia, Genebra, Germana, Basilina, Victoria e Marianna. A mais conhecida e nomeada é Santa Quiteria que foi martyrisada no monte Pombeiro, e é venerada em Margaride, junto á Villa de Felgueiras.

Segundo a tradição, nasceram as nove irmãs santas no campo das Hortas, em umas casas onde, em 1862, appareceram restos de construcções romanas.

Tem Braga tambem a honra de dar o nascimento aos seguintes santos martyres: Luperco, Optato, Sucesso, Mascial, Urbano, Julio, Quintiliano, Publio, Frontonio, Feliz, Ceciliano, Evento, Primitivo, Apodemico, Matulino, Cassiano, Januario e Fausto.

Eram todos cavalleiros nobres que, acompanhando ás Gallias a virgem Engracia (natural de Braga e filha d'um senhor lusitano), que ia contrahir matrimonio com um duque, padeceram martyrio em Çaragoça, por ordem do barbaro Daciano, pretor das Hespanhas pelo imperador Diocleciano.

Outra Santa Engracia houve na cidade de Braga, a qual consummou o seu glorioso triumpho com a aureola de martyr, no tempo em que os arabes dominaram nas Hespanhas.

Pela mesma epocha foi martyrisado S. Torquato, Arcebispo de Braga, com vinte e sete companheiros de que apenas são conhecidos os nomes dos seguintes: Vicente, Martinho, Romano, Felix, Estevão, Leocadia, Colomba, Sabina, Justina e Christeta.

Todos elles, exceptuando o santo Prelado, eram patricios bracharenses.

Egualmente o foram S. Torquato, S. Cucufate e Santa Susana, irmãos no sangue e na fé, que alcançaram a palma do martyrio, sendo imperador o malvado Nero e governador de Braga Sergio Galba.

Um dos mais illustres varões, que tanto engradece a cidade e Igreja de Braga, é S. Victor que, sendo ainda catecumenico, foi baptisado no seu proprio sangue, por ordem do referido governador.

Depois de cruelmente açoitado e despedaçado o seu corpo, tormento que soffreu com invencivel constancia, mandou Sergio Galba degolar o glorioso martyr. Executou-se esta impia sentença sobre uma pequena ponte que serve de passagem a um regato, confluyente do rio Deste, ao nascente de Braga.

Em memoria de execução tão inhumana, denominou-se *Golludas* o sitio em que foi martyrisado S. Victor.

O Arcebispo D. frei Agostinho de Castro mandou erigir junto ao logar do certamen uma pequena capella, só a fim de n'ella metter uma pedra que se conservava na ponte, com a tradição de que sobre ella havia sido degolado o santo martyr, o que attestavam as nodoas de sangue que se viam na pedra, e que nunca se consumiram com o tempo.

Esta capellinha demoliu-se ha poucos annos, sendo edificada outra de maior fabrica.

O benemerito Prelado de Braga, D. Luiz de Sousa, no anno de 1686, mandou fazer, em honra de S. Victor, uma famosa igreja, no sitio em que estava a antiga já muito arruinada. É uma das igrejas parochiaes de Braga.

Não devemos tambem deixar de mencionar a S. Felix e a Santo Avicto, arcebiagos de Braga; S. Pascacio, cardeal e monge benedictino; S. Gennadio, Bispo de Astorga; e finalmente Santa Matrona que foi religiosa na cidade de Capua.

Se Braga com razão se pôde gloriarse de ser uma das mais antigas, das mais nobres e das mais illustres cidades da peninsula hispanica; se a sua situação é das mais aprasiveis e bellas, no centro da provincia do Minho, em terreno elevado, mas plano; cercada de fertilissimos campos, de frondosos arvoredos e prados sempre verdes: muito mais se nobilita pelo grande numero de santos e martyres que com seu sangue cimentaram o christianismo n'esta parte.

A Roma portugueza sempre se distinguuiu pela permanente conservação das crencas de nossos avós.

P.º JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

## Secção Critica

### Os conventos de freiras em Portugal

I

**P**on uma noticia que um jornal revolucionario publicára ha dias, vê-se que em Portugal se conservam ainda em pé 68 conventos, com 175 religiosas professas. Numero consideravel sem duvida, e capaz de aterrar os mais pacatos patriotas, senão houvesse a certeza de que em breve essas venerandas reliquias, prestes desapparecerão. Prestes, dizemos nós! Mas esta palavra é facil escrever-se; a realidade, *restauradores* de Portugal, é que não é facil gozal-a breve.

Não! Os vossos decretos e portarias; a boa vontade com que affinaes o alvião demolidor a essas paredes seculares, onde se tem refugiado, fugindo aos vendavaes dos seculos, as castas virgens do

Senhor, pouco teem feito, e se um vento contrario soprasse, vós verieis frustrados todos os vossos planos!

Ha meio seculo que vós decretasteis o desapparecimento dos conventos das freiras, e elles, apezar das rajadas fortissimas com que os ventos da revolução os teem sacudido, conservam-se ainda em pé 68, d'esses gigantes da christandade, para vos dizer:—sois impotentes diante da vontade de Deus!

Não lhe daveis vida tão longa, isso é verdade; mas a vida da religiosa, da mulher que passa os dias abraçada à cruz, e orando pelos desvairados, é mais dilatada que a das mulheres que vós perverteis por meio das vossas gazetas, das vossas comedias, dos vossos livros. As vossas instituições, os lupanares, conservam as mulheres que lá conduzis, quando muito alguns mezes; as instituições catholicas, as casas religiosas, conservam-n'as até à idade dos cem annos, e mais ainda! Por isso tereis freiras multos annos!

Tereis, porque a mais nova d'esses anjos que demoram ao pé dos altares tem 60 annos, e a mais velha conta 109. Se as mais novas chegarem à idade das mais velhas teremos freiras ainda 49 annos! E n'este tempo, quem vos diz que pezareis ainda sobre a humanidade?

## II

Examinemos agora, á luz da razão e do bom senso, o que a Revolução teem feito em Portugal com respeito ás casas das religiosas.

Dissemos que existem ainda 68 conventos com 175 religiosas. Estes 68 conventos possuem bens no valor de 5.469:417\$307 réis, de que tiram um rendimento annual de 187:936\$293 réis, tocando a cada religiosa por anno 1:073\$800 réis ou 2\$665 réis por dia. Os jornaes da Revolução apresentam estes calculos, estendem bem estas cifras para mostrarem aos *innocentes* o grande escandalo, consentido por um governo *liberal*, de sustentar 175 mulheres, completamente inuteis, com a fabulosa quantia de 2\$665 réis diarios! E na verdade é um escandalo, mas quem tem a culpa? Quem é o culpado de que o rendimento de perto de CINCO MIL E QUINHENTOS CONTOS DE RÉIS seja distribuido por 175 religiosas, quando podia chegar para sustentar largamente, pelo menos 2:720 freiras? Quem é o culpado?

São todos os governos que ha cincuenta annos regem os destinos d'este pobre paiz. São os inimigos dos conventos, os que se horrorisam com vêr o habito da religiosa, os que teem sempre as garras promptas para impolgar as casas e rendimentos das freiras.

São os governos revolucionarios, avidos de ouro, e desejosos de lançar por terra

essas paredes, seguras guaridas para a virtude, formosos santuarios onde os pesares do mundo se esquecem, onde a alma, ferida pelos desenganos da terra encontra alivio, prazer, paz, consolação, abraçando-se à cruz.

São os governos atheus, sois vós, homens do liberalismo, d'esse liberalismo que Pio IX tantas vezes condemnou, que roubaes o pão, que pertencia aos generosos corações, com força bastante para deixarem o mundo.

## III

Dissemos que com o rendimento que teem as casas de religiosas actuaes, se podiam sustentar, nos 68 conventos existentes 2:720 freiras, e vamos provar-o.

Temos 187:936\$293 réis, que, divididos pelos conventos existentes daria uma verba de 2:763\$765 réis por anno a cada um, e com esta quantia, dividida por 365 teriam 7\$570 réis diarios para cada convento, com cuja quantia nos parece, poder sustentar, largamente, como já dissemos, 40 religiosas, com 190 réis aproximadamente cada uma.

Já veem os expoliadores dos bens das freiras, que, apezar de não terem extinto de todo os conventos de religiosas, consentem que se faça um grande roubo, porque os rendimentos das casas religiosas não são applicados como deveriam ser. O que vale é, que muitas das superiores dos actuaes conventos, sabem despende em obras de caridade os dinheiros que lhes pertencem, e quantos, quantos d'esses 68 conventos, que o camartello demolidor não pôde ainda derrocar, são abrigo de muitas infelizes, amparo de muitas desgraçadas, e quantas d'essas poucas reliquias de uma familia a extinguir-se, servem de mãe, de consolação a muitas jovens que, a não serem ellas, iriam nos lupanares, procurar a morte, depois da vergonha, da deshonra?!

Gloria a esses restos venerandos, a essas ultimas vergontas da mais frondente arvore que os seculos teem admirado! Quando a ultima tiver seccado sob a lagea sepulchral; quando o estrondo da porta do ultimo convento se escutar ao fechar-se, podemos chorar sobre as ruinas da mais santa das instituições; podemos temer pela sorte da mulher, podemos recear pela honra de nossas irmãs, de nossas esposas, de nossas filhas, quando nós lhes faltarmos, porque, ao serem perseguidas pelos lobos famintos da libertinagem não teem uma porta que se lhes abra, não teem um refugio contra as seducções do seculo.

Mas, qual será a instituição com que os sacrilegos roubadores das freiras que-

Em que empregarão as rendas dos conventos?

A' primeira interrogação não responderam ainda, apesar de feita ha 50 annos; à segunda respondeu já o snr. Julio de Vilhena. Brevemente seremos com este *estadista*.

ELIAS DE SAMAIPO.

## MOÉDA DO SOBERANO PONTIFICE

Por uma decisão tomada pelo Ministro da fazenda em França vê-se, que ainda em 1883 corriam n'aquelle Paiz muitas moédas do cunho do Governo Pontificio «*pièces papales*» e com a effigie de Pio IX; assim mais uma vez é desmentida a injusta e revolucionaria asserção de que *tal moéda* não continha a satisfação das *exigencias monetarias*, o que só *acreditou* quem de aquelle modo mentiu; ou antes nem este porque *mentiu*. A *moéda-pontificia* foi sempre de tal *quilate*, seu *padrão* foi sempre de tal valor, que os especuladores a compravam para depois a revenderem fundida, e n'esta operação ganhavam. A *Soberania-Temporal*, ou Governo Régio dos Papas, foi sempre em tudo exercido a dar *exemplo* ás outras *Soberanias* e Governos; e *ha-de dar-lh'o!* Sim, o Papa tem em pé Seus Direitos *Soberanos*, e todas as *Soberanias* estão e estarão abaladas em quanto o Papa estiver *usurpado* em Sua *Soberania Temporal*; as outras *Soberanias abaldadas* cahirão; mas a do Papa, embora *usurpada*, ha-de restabelecer-se pois que além do mais é de uma indispensavel necessidade social; demos tempo ao tempo, e se Deos não carece de tempo, do tempo «Se» serve, e «O» faz servir-«O!» E' comprehendida a vehemencia dos desejos Catholicos; elles serão satisfeitos. Percebe-se a alegria satanica dos inimigos da Igreja Catholica, elles serão vencidos e desenganados.

Podemos nós interessarmo-nos mais pelo Papa, como chefe Visivel da Igreja de Deos, e como Soberano porque assim convem à Mesma Igreja, pôde todo o nosso devido interesse ser maior do que o tem Nosso Senhor Jesu-Christo por a que instituiu como a Sua Esposa Mystica? nem maior, nem igual, pode ser tal interesse no mais fervoroso catholico, nem mesmo ajuntado o de todas as gerações de catholicos, passadas, presentes e futuras. Mas nem por isto o catholico deve esfriar em seu ardor, e deixar de trabalhar como do seu zelo e fogo salutar dependesse o anhelado triumpho da causa Papal que é a causa de Deos! de esta causa, que é a causa das causas como Deos é a *causa* das *causas*! o mundo, ou a *sociedade*, confunde-se cada vez mais, e corre precipitado em sua desgraça,

por isso mesmo que vê e opéra no sentido contrario. Que o mundo foi sempre o mundo sabemos nós; mas que fosse tão immundo quando se diz tão civilizado, só da soberba mais refinada se poderia esperar. E' o proprio mundo de hoje, é a propria sociedade, que de agora, se encarrega de desdizer, pois que se a civilização moderníssima nos diz seus alguns bens nos apresenta seus muitos máes, e de estes ella nunca propala a maternidade, embora os queira fazer passar como bens; o engano é sua tactica, como o é a tactica de Lucifer. A sociedade está corrompida por idéas, por principios e systemas, que sam potentes para ruina, e incapases para salvação; logo é mister vir ás idéas, e Principios Eternos, que deixou, de que apostatou, para que possa ser salva! esta é *conditio sine qua non!*

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

## FRANÇA

É CERTO que o partido republicano em França quér proseguir em sua perseguição á Igreja Catholica a Unica Verdadeira; o Governo francez vai com os republicanos, mas teme ir tão longe com elles que toque aquelle excesso que seja o motivo para que o Papa diga: E' impossivel levar mais longe a longanimidade, é Meu dever o cessar as relações com o Governo republicano em França! Os estadistas actuaes ou em exercicio na moderna Gallia, taes quaes em sua incapacidade como aquella República os apresenta, têm comtudo (isto mesmo só alguns de elles) a competencia para se convencerem de que a República franceza se precipitaria mais rapidamente, se o Papa cortasse Suas relações com ella; vêem, que o potente Bismarck não teve remedio, para acudir ao Imperio Germanico de sua fundação, não achou recurso mais forte que a reconciliação com o Papa! e sendo protestante o Governo Allemão, e o seu Imperador. Aquelles sábios republicos não sabem Historia; ou, quando a conhecem, procuram esquecel-a porque lhes convem assim; pois que se a soubessem, ou não a olvidassem, veriam que o caminho de Canossa têm sido perseguido por outros Potentados, além de Bismarck com o seu Imperador; mas como estes dous estam fazendo a jornada, ou peregrinação, não pôdem deixar de a vêr, e esta se lhes impõe!

No entretanto dos loucos da situação official da França presentemente ha os furiosos e estes só querem a furia e põe-a já por obra, e é assim que estes quérem já, já, impôr a questão religiosa em França *avec plus d'intensité*

com mais intensidade. Porem pouco falta para que levem a questão religiosa (que se deve lèr a perseguição religiosa) ao excesso do excesso! Desde que existe aquella República cada anno de esta ha sido assignalado por uma perseguição ou violencia, por parte de ella, contra a Igreja de Deos, embora mais ou menos disfarçada; mas bastaria para accentuar tal perseguição ou violencia o que se passou em 1879, substituindo os mestres Congregacionistas por mestres seculares; em 1880 expulsando os Religiosos; em 1881 e 1882 as leis odiosas sobre o ensino gratuito, obrigatorio e leigo; as nicas anticatholicas por parte do Governo e Administrações municipaes; os Curas ou Parochos de pequenas Parochias privados de sua magra congrua; os Capellães dos Hospitales postos na rua; a supressão, ou circunscricção de regiões parochiaes feita só pelo Governo como se se tractára de um negocio secular; e sempre vigorando em taes republicanos a blasphema sentença = «o clericalismo é o inimigo» que só quér dizer = «nosso inimigo é o Catholicismo como déve ser» zeloso em França e em todo o inteiro Universo. «A' feição de taes republicas sam os republicanos modernissimos em toda a parte. De estes, uns dizem, que quérem a separação do Estado da Igreja, e assim pensam, fallam e usam, com uma diplomacia diabolica; outros sam mais francos e dizem nada de Igreja; e outros, ainda de mais infrenal franqueza, affirmam que hão-de acabar com a Igreja a ferro e fogo; oh loucos furiosos! como já vos taxou Thiers, e ainda elle não tinha visto o que não podia vêr porque passado depois da sua morte; mas certo é, que todo o destempero, todo o abuso, toda a impiedade e crueldade, pôdem ser esperados de homens, que negam obediencia inteira á verdadeira Doutrina, que a ignoram por ignorancia vencivel, que a esqueceram determinadamente, que a aborrecem satanicamente. A hypothese imaginada de acabar com a Igreja de Deos por qualquér modo que seja, sem excluir o morticínio de todos os Catholicos e o incendio de todos os Templos, é hypothese irrealisavel como a de acabar com Deos mesmo, pois tão impossivel é que Deos acabe como acabar com a realisacão de Suas Promessas! Tertulliano disse «que o sangue dos Martyres era semente de Christãos» e a propria Pariz viu que a deusa da razão não passou de uma embriaguez de impiedade para ficar morta sob o santo peso do Templo! A Concordata é incommoda ao sentir republico; este sentir é tambem o do opportunismo que no momento dá as leis em França, mas que teme acabar ou denunciar (phrase diplomatica) a Concordata; assim tem sido e procura-se mais atacal-a com phrases e procederes encobertos que aliás

o Vaticano *descobre logo*; é por este modo insidioso, que ha a esperar novos ataques em França á Igreja de Deos, mas que o Papa verá como se fôram passados, e procederá Sua Sanctidade como «lhes» cumpre! A França só pôde ser salva pelos Principios Catholicos, e sem o reinado de taes Principios lá será visto o *finis Galliae! Quod Deus avertat* = o que não permitta Deos!

10—1—84.

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

## Historia da minha traducção e a critica do snr. Padre Chrispim

V

CRITICAR um livro não é dizer mal d'elle; mas sim fazer uma prudente selecção do que n'elle pôde haver de bom ou mau, de verdadeiro ou falso, de util ou inutil; ou, por outra, mostrar as suas bellezas ou defeitos, a verdade ou falsidade da sua doutrina, conforme o critico tem em vista os pensamentos e estylo do auctor, ou a sua doutrina, ou ambas estas coisas juntamente. Mas o snr. Chrispim não fez nada d'isto: julgou o livro todo mau, como o prova a epigraphe, que serve de texto aos seus artigos—*exame critico de um mau livro!!* Ora, quando fosse verdade que o livro contivesse os erros, de que s. Rev.ª o arguiu, ainda assim faltaria aos mais triviaes rudimentos da verdadeira critica, por não declarar ao mesmo tempo que, afôra esses erros, toda a mais doutrina, que o livro continha, era puramente orthodoxa e catholica.

Como o snr. Padre Chrispim, não procederia nunca um critico recto e sisudo (não um maledicente). Não se esqueceria nunca de distinguir o bello do defeituoso, o bom do mau, o verdadeiro do falso, o util do inutil; porque sabe que uma coisa não vicia a outra—*utile per inutile non vitiatur*. E tanto é assim, que os escriptores catholicos copiam a cada passo para os seus livros excerptos das obras de auctores meramente Pagãos; o que prova que o que ha n'ellas de mau não vicia o bom. D'aqui vem que a critica do snr. Padre Caetano não foi senão um parto de leviandade e de imprudencia; e que, para se exercerem dignamente as funcções de critico, releva que, além de uma grande copia de conhecimentos literarios e scientificos, se possua uma consummada prudencia e madureza de espiritos; do contrario, em vez do bem que se pertende fazer, não se fará senão mal, de modo que isso que se chama critica, degenerará n'uma perfeita maledicencia.

## IV

Mas concedamos por um pouco que o snr. Chrispim tinha rasões para censurar o livro; qual deveria ser, primeiro que tudo, o seu procedimento? S. R.<sup>a</sup> sabia que o nosso Em.<sup>mo</sup> Prelado me tinha auctorizado a publical-o; por conseguinte era um dever de delicadeza, civilidade e cortezia, dirigir-se a ELLE, e expôr-LHE as suas duvidas. A esta deferencia para com o seu superior não saberia faltar qualquer que não fosse o snr. Padre Chrispim. Porque o não fez? Porque não foi immediatamente para a imprensa vasculhar o livro? Porque mesmo não se dirigiu a mim, pobre e humilde traductor, a elucidar-me com as suas rasões? Por ventura receiava deslustrar-se, escrevendo-me? ou considerava-me propagandista de doutrinas falsas, já *useiro* e *veseiro*, e, como tal, não susceptível de correcção? nenhuns dados reaes tinha para isso. Podia, é verdade, suppôr-me ignorante; só isso; mas n'esse caso não era uma obra de caridade esclarecer-me sobre a questão ou questões, que lhe offereciam suas duvidas?

Eu não conhecia pessoalmente o snr. Padre Chrispim, nem ainda hoje o conheço, nem desejo conhecê-lo, não, porque queira mal a s. R.<sup>a</sup>, mas por outros motivos. Sabia, é verdade, pela *Palavra* que s. R.<sup>a</sup> era um profundo theologo e philosopho; por um amigo e collega nosso—que era um argumentador de uma logica de *ferro*; mas não sabia que era de mais a mais um *celebre* bibliographo, porque isto de conhecedor e apreciador de livros não é diploma, que se confira á tóa. Todavia bem longe estava de imaginar em tudo isto um—*mons parturiens*; mas é certo que cheguei a vêr nascer um—*ridiculus mus*. E' verdade, o homem que diziam ser um profundo theologo e philosopho egualmente profundo (naturalmente), um argumentador de logica de *ferro*, um *bibliographo* de áquem e alem mar, nem sequer é um *latino a remediar!*

P.º VALENTE.

(Continúa.)

## Secção Litteraria

## Poesias posthumas de J. Moreira Bello

## IV

Ao romper d'uma manhã d'estio

Aureola de luz lá no oriente  
Começa a divisar-se;  
E a aurora, rasgando as sombras,  
Vae nos ceos ostentar-se.

Eil-a, entre o dia e a noite um meio termo,  
Tenue, doce clarão,  
A magnifica alvorada  
De um dia de verão.

De nivea, purpurina, aurea corôa  
Lhe cinge o sol a fronte;  
E já na terra divisô  
O prado, o valle e o monte.

O noitibó e feral mocho fogem  
A's cores do arrebol,  
E entre virentes salgueiros  
Gergêa o rouxinol.

Bando alegre de aligeros viventes  
Começa a despertar;  
Nas selvas toca a rebate  
Para aos campos voar.

Ranchos diversos, estendendo as azas,  
Vão das hervas colher  
A miuda sementinha,  
E gusanos pascer.

Entretanto do sol os aureos raios  
Lá refulgem nos ares,  
E as aves a luz saudam  
Com alegres cantares.

D'aqui se vêm sahir de tosco aprisco  
Formosos cabritinhos;  
D'alli sae o boi, a vacca,  
E mansos cordeirinhos.

Solicito o pastor os leva ao pasto  
Mais mimoso da encosta,  
Cantarolando contente  
Canções de que mais gosta.

Parece sorrir ver-se a natureza,  
De denso veo despida;  
Parece que o mundo goza  
De nova e doce vida.

Tudo corre ao trabalho: um pede á terra,  
Sempre fertil, seus dons;  
Outro rompe as bravas ondas,  
De terno canto aos sons.

Da vida ás precisões imperiosas  
Tudo busca prover:  
E a Providencia se empenha  
Em todos proteger.

Ó santa Providencia! ó tu que moves  
Com força omnipotente  
Esta machina admiravel,  
Este relógio ingente:

Salve, tres vezes salve nas alturas!  
Salve por toda a parte!  
Tudo teu são maravilhas  
Que levam a adorar-te!

Na aurora tam formosa quando nasce  
E do sol no romper,  
Louvamos, cheios de assombro,  
Teu immenso poder!

## UMA AURORA!

Uma treva profunda então cobria  
a terra inteira, e, embora lá no espaço  
Deus tivesse espargido o lume baço  
das estrellas, a noute era sombria:

e assim, meu Deus, o homem não podia  
ver os ceus, nem tam pouco dar um passo..  
como se acaso portentoso laço  
lhe agrilhoasse os pés á terra fria!...

Eis senão quando assoma docemente  
uma aurora gentil e de repente  
o mundo eueheu-se de formosa luz...  
e ponde enfim o homem vêr o ceu...  
e caminhar...—a aurora que rompeu  
foi o olhar mavioso de Jesus!—

\*\*\*

## GRACIA

ou

## A CHRISTÃ DO JAPÃO

## CAPITULO V

A mensagem de Mitza-o

**É** PRECISO que ninguem, nem estas  
mesmas paredes, escutem o que  
vou dizer-vos, disse Jakuin apenas  
fechou a porta da sala.

—Escusado é dizer-vos, que aqui  
não ha receio de ouvidos importunos,  
respondeu o Tunda.

—Pois bem; falar-vos-hei como a sós,  
comigo falaria. Ha annos que me con-  
sagro e empenho n'uma obra meritoria  
e de grande alcance para os deuses,  
mas arriscada e perigosissima para mim.  
Esta obra consiste na destruição e com-  
pleto exterminio das preversas doutri-  
nas, que os europeus vão semeando e  
diffundindo pelo imperio.

—Confundam-nos a elles e as suas  
doutrinas os sete espiritos superiores.

—Deixai-vos de necedades e espiri-  
tos, em que nem vós nem eu acredita-  
mos, e não me estejais a interromper.

O Tunda nem protestou contra a af-  
firmação de Jakuin, nem levou a mal  
sua irreverencia, antes pelo contrario  
prestou maior attenção ás palavras do  
medico, que proseguiu dizendo:

—O odio, que professo aos christãos  
nem me deixa viver nem soegar; quem  
me dera poder aniquilal-os a todos com  
um unico relancear d'olhos; quem me  
dera fazer-lhes soffrer os tormentos  
mais atrozes até expirarem, e depois  
poder resuscital-os para de novo os fa-  
zer soffrer... Como não tenho, porem,  
semelhante poder, faço contra elles o  
que posso e não me descuido nem can-  
ço, trabalho sempre. Dias e dias, annos  
e annos passo, combinando planos, es-  
cogitando meios de os expulsar do im-  
perio, e de dia para dia e d'anno para  
anno crescem, augmentam, multipli-  
cam-se e exercem os melhores e mais  
elevados cargos. Finjo-me amigo d'elles,  
obsequio-os, occulto e simulo o mais  
que posso o odio que lhes professo e  
tudo isto com tal arte e cuidado como  
a joven guarda e esconde no peito seu

secreto amor; nunca, porém, se me proporciona occasião favoravel para me vingar de todos elles. A' força de astucia consegui captar a confiança do astuto Faxiba, que nada faz sem me consultar e ouvir. Emprego todo o meu engenho em vêr se consigo levantar entre o Regente e o Christianismo uma barreira insuperavel d'odio e desprezo. Pois bem; quando se me alligura, que tenho adiantado e conseguido muito e que o animo do Faxiba está bem disposto contra os christãos; quando já aguardo a occasião opportuna para cahir sobre elles como uma rocha que os esmague, apparece sempre alguém que me sae ao encontro e n'uma audiencia com o Regente lança por terra, transforma e inutiliza todos os meus planos e esperanças. Os Jesuitas, o capitão Justo, seu valido, o almirante Agostinho ou qualquer outro que se acerque do Regente faz-lhe ver in continenti que não ha melhores subditos do que os christãos, e com isto lá se me vão todas as esperanças de fazel-o tomar algumas medidas para perseguil-os e expulsal-os.

—E vós acreditaes, disse o Tunda interrompendo-o, que o Regente seja tão favoravel aos christãos, que trate d'abraçar sua lei?

—Assim o acreditei por algum tempo, e passei e soffri amarguras immensas pensando que o Regente adoptava as ideas do inimigo; hoje, porém, nada temo nem receio por esse lado. O Regente, se não tem odio aos christãos, aborrece e detesta pelo menos sua lei. Acha duro e não se conforma com o que prégam contra a polygamia, que condemnem os prazeres que mais lhe agradam e que tenham uma moral tão rigida que pretenda até tirar contas dos proprios pensamentos. Não, Faxiba o ambicioso, não se fará nunca christãos.

—Pois então, que duvidas e receio são os teus? lá virá dia, que se voltará contra elles.

—Ora ali é que bate o ponto da questão: agora é que eu preciso que me aconselhes, como homem de mais experiencia, o meio de apressar esse dia sem que ninguem perceba nem desconfie, que eu o apresso.

—Oh! isso não é tão facil como se vos alligura, nem é cousa em que me metta nem que eu só possa acertar e resolver, se não contar com o auxilio dos espiritos superiores.

—Ahi vindes vós outra vez com os espiritos! Julgais por ventura, que estais fallando com algum artista ignorante e boçal, d'esses que vem todos os dias comprar-vos a felicidade futura?

—Não vos impacientes, Jakuin: já sei, que sois uma pessoa illustrada, que considera as divindades do imperio como outros tantos mythos, cujo fim não é outro senão inspirar temor ao vulgo;

bem sei que nos pertencestes e que não ignorais que temos uma linguagem e umas maximas para o povo e outra mui distincta para nosso uso particular; mas como tambem deveis saber, que tenho estudado e meditado muito, andais mal em suppôr que, ao fallar-vos dos espiritos, vos tenho querido nivelar e confundir com o vulgo.

—Pois que havia de pensar eu, quando acredito, que tudo sae do nada e caminha para o nada, quando acredito que nada existe senão o que toco ou vêem meus sentidos, e isso é incompativel com a existencia dos espiritos, a qual nem mesmo vós acreditaes?

—Não, não acreditava n'ella, mas depois, estudando os livros indios, vi nos dos magos persas formulas para a evocação dos espiritos tão parecidas e semelhantes ás dos nossos necromantes, que me chamaram e prenderam a attenção. Eu, que tinha até então a estes na conta d'uns farçantes, travei por curiosidade relações com um d'elles. Em vêr e examinar nada perco, disse a sós comigo, e visto que se trata de factos, examinaremos. Examinei e vi que á voz do necromante acudiam espiritos mysteriosos, que turvavam as aguas, fendiam o ar e moviam os objectos mais pezados, e notei n'esses espiritos uma intelligencia superior á humana e um poder maior, que o dos homens, com o que pude elucidar-me d'uma porção de factos que tinha por absurdos. Em resumo aprendi o modo e a arte de evocal-os e desde então falo com elles por certos meios que teem estabelecidos e a elles recorro e d'elles me valho nos casos e situações entrincadas e dificeis. Desejo fallar-vos a respeito d'esses espiritos, porque elles nos ajudarão na nossa empreza.

(Continua).

VERSÃO DO P.º LIMA.

## Secção Illustrada

### A Cathedral de Burgos

**E**IS-NOS diante de um dos mais bellos monumentos de architectura ogival, de um dos mais formosos templos do mundo.

A Cathedral de Burgos, de que damos copia fiel na primeira pagina do presente numero, foi construida no seculo XII, collocando a primeira pedra, em 20 de julho de 1221, o santo rei D. Fernando III e sua mulher a rainha D. Beatriz. O exterior bem o mostra a nossa gravura, e o interior é de uma riqueza artistica que espanta os modernos artistas, que encanta os mais servidos adoradores do bello.

Dão-lhe entrada quatro portas, sem que se possa dizer qual d'ellas mais

bella, qual mais formosa, qual mais primores artisticos apresente: a principal, que data da primeira construcção do templo, chamada de Santa Maria; a alta, da mesma época, é como ella sumptuosa; a da *Pellejeria*, bellissimo trabalho da renascença, dirigido pelo insigne architecto Francisco de Colonia, e a de *Sarmental*, que data dos primeiros tempos da cathedral. E' esta a porta mais digna de examinar-se, pois que, sendo toda a edificação um conjuncto de primores architectonicos, pelas muitas estatuas, pelos formosos relevos, pelos esbeltos rendilhados, parece que aqui foi mais accentuado o gosto pelo estylo que então predominava na Europa.

E' no alto d'estas portas que se eleva a estatua do Bispo D. Mauricio, que dizem ser o fiel retrato do santo prelado, o que se comprova pelo exame feito á face dos sellos que, em documentos publicos, existem d'aquelle santo Bispo.

Lá ingresso para esta porta uma formosa escada de marmore branco, reconstruida em 1862.

A Cathedral de Burgos é uma das muitas obras que os seculos do *obscurantismo* nos legaram, e é ao mesmo tempo escola de primores artisticos que hoje se não fazem, apesar do muito que este seculo alardeia de illustrado, e de protector das artes. Apesar dos millhões que hoje se gastam; á custa de milhares de sacrificios, não é possivel fazer chegar as artes á altura a que as levaram os nossos maiores.

Veja-se a gravura do presente numero e ninguem poderá desmentir-nos.

Burgos é uma cidade hespanhola, com 25 mil habitantes, capital da provincia do mesmo nome, a 200 kilometros ao N. de Madrid. E' patria de Cid e de muitos homens notaveis da visinha nação.

R.

## Secção Bibliographica

### OS FRADES

#### Como a Imprensa recebeu o livro de J. de Lemos

VIII

A obra do sr. João de Lemos—*Os Frades*, publicada há pouco em Guimarães, tem merecido muitos elogios da imprensa jornalistica. O sr. João de Lemos apresenta em grande parte uma collecção de trechos de varios auctores insuspeitos, com que trata de mostrar, que, se nas ordens religiosas (entre nós e n'outras nações) havia e ha muito que censurar, tambem havia e ha muito que elogiar. Apresenta, para isso, trechos de Garrett, Alexandre Herculano, A. F. de Castilho e muito principalmente de Pedro Diniz, extrahidos da muito conhe-

cida obra—«Das ordens religiosas em Portugal». Também traz, favoráveis às ordens religiosas, trechos de escriptores protestantes, taes como Voltaire, Gibbon, Hume, Leibnitz, Calvino e outros, incluindo o revolucionario Bourgoïn e o impio Luiz de Patter.

Tambem traz dois magníficos trechos (um principalmente) do sr. Joaquim Martins de Carvalho, redactor do «Conimbricense», a respeito do estado dos jesuitas em Coimbra, desde 1826 a 1834, em que lhes faz elogios e descreve o systema e methodo com que elles leccionavam e se instruíam.

A obra do sr. João de Lemos é digna de ler-se. E' para todos os paladares. Não offende opiniões politicas nem religiosas. E' imparcial e está muito bem redigida e escripta em um estylo conciso, mas muito claro e até engraçado.

Para elogiar a obra basta só dizer que foi escripta por João de Lemos, o mimoso auctor do «Cancioneiro», dos «Serões da Aldeia», das «Canções da tarde» e de muitos artigos religiosos e politicos, publicados em diversos jornaes.

As obras d'este auctor são sempre lidas com muito interesse.

(*Jornal de Estarreja* de 8 de outubro de 1883).

### A Historia Verdadeira da Inquisição e a Imprensa portugueza e estrangeira

XIV

DA «AURORA DO CAVADO», DE BARCELLOS  
(De 30 de outubro de 1883)

«*Historia Verdadeira da Inquisição*.—Com o 8.º fasciculo, agora vindo a lume, fica terminada a publicação da *Historia Verdadeira da Inquisição*, original de D. Francisco Xavier G. Rodrigo, traduzida do hespanhol, com auctorização do auctor, pelo revd.º snr. Padre Manoel José Preza. Fica constituindo dous tomos in quarto, o ultimo dos quaes contendo 596 paginas.

E' esta obra editada pelo «Centro de Propaganda Catholica em Portugal», cuja séde em Guimarães, e da qual director o snr. Teixeira de Freitas, que para não faltar ao compromisso que tomara para com seus assignantes de completar a obra em 8 fasciculos de 130 paginas aproximadamente, teve de dar mais um, distribuido pelo 4.º e pelo 8.º

E' a *Historia Verdadeira da Inquisição* obra de valor real e subido, escripta com perfeito conhecimento do assumpto e acurada sollicitude e são critério, e sob o ponto de vista catholico não conhecemos alguma outra que se lhe avanteje ou approxime.»

«*O Martyr do Golgotha*, tradições do Oriente, por Henrique Perez Escrich.—Acaba de fazer-se a quinta edi-

ção portugueza d'esta obra importante, digna a todos os respeitos de ser lida por todas as pessoas que se prezam de bons catholicos. São bem conhecidos os livros de Perez Escrich, e em todos se destaca mais ou menos um fundo de moralidade e bons sentimentos; mas onde esse catholico romancista entornou a mãos largas todos os recursos da sua vasta intelligencia; onde parece que mais primou em limar o seu elegante estylo, e enramalhetal-o com as mais formosas flores da poesia christã, foi, digamol-o francamente, n'este livro primoroso, que hade, atravez dos seculos, levar o nome do seu auctor a todas as gerações.

O *Martyr do Golgotha* é a vida do Redemptor, n'este mundo, pintada com as mais bellas côres, descripta com o mais fervoroso enthusiasmo de uma alma christã. Ha paginas n'este livro de uma verdade que é difficil lel-as sem ter lagrimas com que as orvalhar. E desallamos o mais descrente, o atheu mais pronunciadamente tolo, que se não confesse christão depois da leitura d'este livro. Porque hade seguir Jesus Christo desde Bethlem ao Calvario; hade assistir a toda essa vida de milagres; hade pasmar diante de tanta santidade, de tanta mansidão, de tanto amor pelos pobres; hade ver um Deus sacrificar-se pelos homens, e mostrar a sua divindade, despedaçando a pedra do sepulchro, subir ao céu, e descer depois a viver de novo com seus discipulos.

Recommendamos muito este livro, mesmo como propaganda catholica, contra essas leituras estupidamente atheas; contra esses romances que levam os seus leitores à morte do espirito, ao esquecimento dos deveres de cidadãos.

São 3 volumes, esmeradamente impressos com algumas estampas razoavelmente gravadas, e custam os 3 volumes 1\$200 réis.

Editor o sr. Joaquim Antunes Leitão, rua do Almada 217—Porto, a quem podem ser feitos os pedidos.

**Director espiritual das almas devotas e religiosas, extrahido das obras de S. Francisco de Sales.**—Eis-aqui um livro que devera andar nas mãos de todas as pessoas, para as encaminhar pelo caminho da perfeição. São 277 paginas da mais sã doutrina, dos mais piedosos pensamentos; basta ser extrahido das obras de S. Francisco de Sales.

Como appendice traz este livrinho o methodo para ouvir missa acompanhando a sagrada paixão do Divino Redemptor, e o modo de confessar-se etc. composto por Santo Alfonso Maria de Liguório.

Este livrinho, traduzido do francez, é publicado com a approvação e recommendação do Em.º Snr. Cardeal-Bispo do Porto. Tem, pois, entrada franca em

todas as casas catholicas e muito para desejar será que elle bem se propague.

Custa 240 réis com uma bonita encadernação, e envia-se franco de porte a quem mandar a sua importancia ao director do *Progresso Catholico*, em Guimarães.

**Almanaque de los amigos del Papa.**—Não se esqueceu de nós este anno, como se não tem esquecido os annos anteriores, o editor d'este formoso almanach para 1884. Agradecemos a offerta, porque é uma collecção de magníficos artigos de sã e instructiva leitura em prosa e verso. E' além d'isso illustrado com boas gravuras.

A publicação d'este almanach é feita pela empreza da *Revista Popular* de Barcelona, de que é director o snr. Don Miguel Casalas, a quem damos os parabens por uma tão util publicação.

**Archivo dos Açores.**—Publicação periodica destinada a vulgarização dos elementos indispensaveis para todos os ramos da Historia Açoriana.

Recebemos os n.ºs 25 e 26 d'esta interessante Revista, de Ponta Delgada, uma das mais curiosas, senão a unica que n'este genero se faz em Portugal.

Felicitemos mais uma vez a illustrada redacção por conseguir sustentar uma publicação que honra as patrias letras.

Recebemos os primeiros numeros do bem escripto semanario portuense, A SAUDE PUBLICA, que muito estimamos por ser a primeira publicação que n'este genero se faz em Portugal.

Agradecendo ao novo collega a troca, desejamos-lhe mil venturas e que prosperos dias lhe sorriam durante a vida jornalista que encetou.

A. DE GUIMARÃES.

### Retrospecto da quinzena

A EGREJA acaba de perder um dos seus mais denodados soldados; a Companhia de Jesus um dos seus filhos mais dilectos, e as letras um dos seus mais illustres trabalhadores.

O R.º Padre Ramière falleceu em Toulouse no dia 3 de janeiro. Esta noticia, que deverá contristar todos os catholicos, foi communicada ao *Univers* pelo seguinte telegramma:

«Toulouse, 3 de janeiro, 10 h. e 15' da manhã.

«O padre Ramière falleceu esta manhã em Toulouse, quasi repentinamente, d'uma congestão pulmonar.

«Ainda teve tempo de receber os ultimos sacramentos.

«Recommenda a sua alma aos vossos leitores, aos leitores do *Messenger du Coeur de Jésus*, e a todos os associados

do Apostolado da oração e da Communhão Reparadora.»

Aos leitores do *Progresso Catholico* fazemos igual pedido.

O Padre Ramière era escriptor notavel e são importantes as suas obras. O *Liberalismo Desmascarado*, obra monumental editada ha annos, e que fez uma revolução em Portugal, como a fizera em França, é devido à penna do sabio jesuita cuja alma acaba de voar ao céo, a receber o premio de seus trabalhos.

Quando os Bispos se empregam no serviço da Igreja, no bem das almas, todos devemos referir os factos por Elles praticados, para que se saiba que ainda existem Prelados, dignos descendentes dos Discipulos de Jesus. Por isso transcrevemos com prazer a seguinte noticia:

«Na freguezia de Villamarim, que foi da diocese do Porto e hoje é de Lamego, teve lugar no principio do passado dezembro uma *Missão* promovida pelos revd.ºs Padres Luiz de Queiroz e Vasconcellos, do lugar, e dada por dois outros Sacerdotes.

Foi bastante concorrida de outros Sacerdotes, sendo presentes os revd.ºs Abbade Montes, Parocho cheio de zelo, Abbades de Barqueiros, de Sediellos, Padre Lourenço, Padre Henrique Pires de Lima, e ainda outros. O povo affluu em grande concurso.

No dia 15, appareceu o venerando Bispo de Lamego, dando todo o possivel realce à *Missão*. Passando por Mezőfrio foi recebido alli entusiasticamente pelos fieis, apesar da temperatura glacial que é propria das faldas do Marão. Aqui entrou na igreja de S. Nicolau, aonde fez oração, seguindo para a de S. Christina, aonde prégou ao povo, prometendo voltar alli brevemente, se Deus lhe conservasse a saude e forças, ao tempo que lá deviam ter uma *Missão*.

Seguiu d'aqui para Villamarim acompanhado pelos revd.ºs Abbades, Sacerdotes, pela Camara municipal, Administrador do concelho e outros cavalheiros, que haviam ido esperar S. Ex.ª Rev.ª ao extremo do concelho.

Alli administrou o sacramento da *Confirmação* a muitas centenas de fieis, depois de preparalos devidamente com os sacramentos da *Confissão* e *Communhão*. No dia 17 voltou para Lamego, indo acompanhado por um seu famulo e pelo sr. A. Correia de Figueiredo.

S. Ex.ª Rev.ª retirou-se satisfeito pelos fructos espirituales recebidos por aquelles povos, a quem só falta a luz e o sal moral preciso. Tem fome e sede da palavra de Deus, e não lhes falta disposição para a receberem.»

Custa a crer como ainda n'este seculo, no seculo grande por excellencia, em que ao mesmo tempo que se escuta o

fremido da machina locomotora, se ouve tambem o estrondo, que na sua queda fazem as mais venerandas instituições da humanidade; n'este seculo, dizemos, custa a crer que haja quem goste dos frades, que seja seu apologista, que lhe dedique um livro, como fez ainda ha pouco o mavioso poeta o Snr. João de Lemos! (¹)

São tantos os crimes d'estes intrujões da humanidade, que o espirito menos atilado pasma, e, em panasquissima contemplação, fica... a olhar para os frades, e a desejal-os.

E deseja-os porque lê noticias d'estas que lhe mostram as taes fradescas *fajardices*:

«No *Ospizio del San Gottardo* (Alpes) foram recolhidos durante o anno de 1881, 15:576 viandantes, sendo 12:984 italianos, e os demais pertencentes a outros paizes, em cujo numero se acham tambem um portuguez.

Ora digam-nos os reformadores da sociedade, os arrazadores dos conventos, os inimigos dos frades, se se lembraram algum dia de crear uma instituição, onde milhares de pessoas sejam salvas de uma morte certa, como a que encontraria qualquer vivente nas escabrosidades dos Alpes, em meio da neve, se Deus ali não fizesse edificar um convento onde em nome de Christo se exerce a caridade!

Mas, para que servem os frades?

Nas exequias que se celebraram na igreja de S. Francisco, d'esta cidade, no dia 15 do corrente, memorando o passamento do Comendador Christovão José Fernandes da Silva, que por alguns annos fôra ministro da veneravel Ordem Terceira da Penitencia, e a expensas de que foram feitas as referidas exequias, viveram os vimaranenses o prazer e a gloria de escutar uma das mais bellas produções musicacs que se tem executado entre o Caia e o Minho.

Os nossos leitores devem lembrar-se de lhe fallarmos n'uma composição musical devida ao genio do maestro hespanhol D. Cosme José Benito, que o mesmo offertára ao Rev.º Padre Eugenio, como prova do seu reconhecimento pelo *hymno do monumento a Pio IX, o grande*, que o mesmo Rev.º Padre Eugenio lhe offertára, producção que nós distribuimos pelas pessoas que mais se tem interessado pela grandiosa ideia do monumento ao mais amavel dos Pontifices. Pois devida ao tantas vezes provado talento do referido maestro hespanhol era a missa que nas exequias de que fallamos se executou, e que tantas recordações deixára no espirito de quem a escutára.

(¹) Os *Frades*, livro editado em Guimarães, pelo Centro de propaganda catholica, e de que já se fez 3.ª edição. Preço 300 réis.

Que torrente de formosas harmonias! Que mimo e doçura na distribuição das notas! Que magica suavidade feria os ouvidos dos assistentes! Como se conhecia que ali, n'aquelles harmoniozos accordes, estava a alma de um grande maestro, o espirito de um poeta sublime, que mede os seus versos por notas em vez de syllabas!

O que ninguem pensava é que estivesse ali a alma de D. Cosme Benito, do maestro da Real Capella do Escurial, tão pouco conhecido, por desgraça nossa, n'este canto da peninsula.

Conhecem-se em Portugal as produções dos maestros que em tudo fazem recordar o can-can dos palcos bufos, e nada se conhecem os trabalhos musicacs de um fervido catholico, do homem que se arroubou ao receber, com o *Hymno* do monumento a Pio IX, a noticia de que Portugal se propunha erguer um monumento ao Pontifice martyr, ao que definira immaculada a Conceição da Virgem!

Ao notavel maestro D. Cosme José Benito, damos um abraço de catholico, já que de musico lh'o não podemos dar, e ao prazer de possuir um exemplar do seu formoso *El Canto de los perigrinos, a la Santissima Virgem del Pilar*, juntamos o de ver devidamente apreciada a missa, producção sua, e que sob a sabia direcção do nosso amigo o R.º Padre Eugenio, acaba de executar-se a primeira vez n'esta cidade e n'estes reinos.

No dia 10 d'este mez furiosas linguas de fogo tentaram lambar o vasto edificio do convento do Populo, em Braga, hoje propriedade do Estado, e quartel do regimento de infantaria 8. O fogo estendeu-se à sacristia da igreja e ali fez mais estragos que no quartel, o que é devéras para lastimar, porque se perderam bastantes preciosidades, obras magnificas, etc., etc.

O convento, hoje quartel militar, pouco soffreu, mas hade ir um dia todo, porque a maldição de Deus pesa sobre tudo que é roubado, e o convento do Populo, roubado aos frades, seus unicos proprietarios hade ter o fim que tudo tem— não chegará a terceiro possuidor.

Deus me livre de ter em meu poder aquillo que não é meu.

Dizia ha pouco tempo um jornal que nas Filipinas missionavam cento e tantos jesuitas, que, durante o anno passado, converteram ao catholicismo 5:475 infieis!

Que tal?!

E' em vista d'este feliz resultado que os *infieis* de cá estão sempre a dizer que os missionarios devem ir para a Africa e America, onde mais d'elles se carece que n'este formoso paiz, ha muito convertido à lei de Jesus.

Coitados! O medo que elles tem, os infleis de cá, é que os jesuitas os convertam, e os não deixem arrastar os cégos de espirito para o erro.

Mas, louvemos a Deus, os jesuitas também por aqui vão fazendo conversões.

Uma correspondencia de Loanda para o nosso apreciavel collega, *O Macaense*, diz o seguinte, com referencia á missão portugueza no Congo:

«A nossa missão do Congo vae progredindo admiravelmente, e radicando-se no espirito dos povos.

O rev. Padre Antonio de Sousa Barroso, superior da Missão, fez grandes e importantissimas acquisições para a missão, entre as quaes figura um posto meteorologico, composto de bons barometros, thermometros, pluviometros, anemometros, etc., com o fim de estudar o estado atmospherico d'aquellas regiões, bem como o seu estado higrometrico e variações climatericas.

Por aqui se vê que a missão, ao passo que derrama a semente feracissima do Evangelho n'estes povos onde o desenvolvimento intellectual e moral é tão pouco, se vae fazendo acompanhar de melhoramentos materiaes e economicos.

O mesmo rev. superior trata de estabelecer um laboratorio agricola industrial, onde a infancia congense heba com o innocente trabalho o salutar leite da religião, insuflando-lhe em seus corações juvenis a necessidade da perfectibilidade physica e moral dos mesmos.

Com esta verdadeira metamorphose da nossa missão os protestantes podem tocar o hymno da retirada, porque o seu prestigio está perdido.

No seu regresso ao Congo o rev. Padre Barroso foi recebido em triumpho pelos indigenas, mandando sua magestade á sua milicia dar uma descarga, em signal de regosijo. Deve partir brevemente para o Bembe, onde tenciona administrar o sacramento da regeneração e arranjar plantas para a missão.»

Por isto se vê, mais uma vez, que os missionarios são uns ignorantes.

Parabens ao R.º Padre Barroso.

Recebemos o Relatorio e contas da Conferencia de S. Vicente de Paulo, da cidade de Braga, e pasmamos diante de tanta caridade, e da boa vontade com que a direcção procura, por todos os meios, realisar o pensamento do Santo protector dos pobres, do anjo de caridade. 1:534\$210 réis distribuiu esta benemerita Conferencia em esmolas a pessoas necessitadas.

Mil parabens aos catholicos bracarenses pelo estado prospero da sua Conferencia e pela actividade que mostram empregar para se tornarem dignos das bençãos do céu. O que notamos n'este relatorio é o não publicar os nomes das pessoas soccorridas, livrando assim a miseria da vergonha, o que nos parece também grande caridade. A esmola deve ser dada em segredo, e é essa a que mais agrada a Deus, por tanto a Conferencia de Braga andou bem guardando só para si os nomes das pessoas soccorridas. Lembramos este proceder a todas as Conferencias do paiz.

Tambem recebemos o *Relatorio da Gerencia do Banco de Guimarães com o parecer do Conselho Fiscal, apresentados em assembléa geral de 18 de janeiro de 1884*. Agradeceinos a offerta e fazemos votos para prosperidade d'este estabelecimento.

Ha muito que não publicamos *Secção para rir*, porque, verdade verdade, os tempos não vão para risadas. Vamos hoje, porém, publicar n'este Retrospecto uma noticia que é só para fazer rir.

O administrador do concelho de Villa Nova de Fozcoa, diz um jornal, fez expedir pelo telegrapho o seguinte officio a todas as administrações onde os arames podiam chegar:

«Administradores concelhos onde ha telegraphos—Peço a apprehensão de um cão perdigueiro, castrado, branco, atravessado de galgo; tem uma orelha meia preta e a outra só um bocado preta, com muitas pintas como toscas por todo o corpo e uma malha preta sobre os dous quartos trazeiros. Tem uma costura no pescoço e dá pelo nome de «Pombo».

No caso de apparecer pede-se o communique a esta administração.»

Não deve esquecer que esta brincadeira custou ao ministerio do reino a *modica* quantia de cento e tantos mil réis.

O administrador do concelho do Crato fez também expedir um telegramma a todos os administradores, participando-lhes que n'aquelle concelho se achava um porco de côr amarella, sem se saber quem é o dono.

Este telegramma custou cincoenta e tantos mil réis *unicamente!*

Toca a rir, porque o caso não é para outra cousa.

J. DE FREITAS.

**Felicitamos os nossos collegas da «Revista Popular», de Barcelona, e das «Instituições Christãs», de Coimbra, por haverem encetado aquella o seu decimo quarto anno, e esta o segundo.**

**A ambos desejamos uma vida longa, e coragem para arrostar com as valas dos inimigos de Deus.**

## EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes em divida pedimos o favor do prompto pagamento; porque, se é um milagre o *Progresso Catholico* sustentar-se pelo preço de 600 réis annuaes, é uma gloria para os catholicos o sustentalo por tão pouco. Venham vindo os 600 réis, e algumas assignaturas para realisarmos em breve um grande melhoramento.

O *Progresso Catholico* não ha-de desmentir o seu titulo, e a sua conservação prova que os portuguezes são catholicos. Mas venham os 600 réis e novas assignaturas.

TEIXEIRA DE FREITAS.

### OS AMIGOS DO «PROGRESSO CATHOLICO»

NOMES DAS PESSOAS QUE GRANGEAM ASSIGNATURAS PARA ESTA REVISTA

Os Ex.<sup>mos</sup> Snrs. e as Ex.<sup>mas</sup> Snr.<sup>as</sup>:

Padre Antonio José Torrinha Machado.....	6	Joaquim Pereira Pedroza e Souza.....	2
Manuel Fernandes Ferreira.....	5	Padre Joaquim Antonio de Mendonça.....	1
Duarte Pereira Dias Ribeiro.....	1	Alfredo Duque Matta.....	2
Padre José Joaquim da Silva Bacellar.....	3	José Pereira Quaresma de Figueiredo.....	3
Padre João da Costa d'Andrade.....	6	Padre João Pedro d'Almeida.....	2
Francisco José Alves Mourão.....	1	Dr. Geraldo Joaquim Maria da Costa.....	2
Padre Luiz Alves da Cruz.....	2	Candido Alves Cavaco.....	6
Prior, Maximiano Corrêa de Figueiredo.....	1	Antonio José da Silva Mendes.....	2